

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

## RESUMO

Este artigo compreende uma investigação bibliográfica de abordagem qualitativa que busca aprofundar a compreensão das experiências de gênero em ambientes formais de educação, focando, em específico, nas experiências de pessoas trans (transexuais, transgêneros e travestis) descritas em artigos publicados no Scielo entre 2015-2020. Possuindo como objetivo, não apenas, confirmar a existência da transfobia no percurso educacional das pessoas trans, mas aprofundar a compreensão dos processos psico-sociais em suas trajetórias escolares, debater aspectos sócio-culturais do acesso, bem como, problematizar estratégias de permanência para pessoas Trans na educação formal. Ao longo deste artigo, abordamos o entrelaçamento entre gênero e educação, o recorte metodológico e temporal como momento de tensão para o debate de gênero e sexualidade, entendendo esse período como momento histórico de ascensão de uma agenda anti-gênero no Brasil. Posteriormente, debatemos as múltiplas estratégias que as pessoas trans adotam para estar nesses ambientes e apresentamos a investigação bibliográfica. Na conclusão, discutimos como os currículos e as estratégias pedagógicas precisam ser nomeadas e classificadas, além de terem problematizadas a construção da educação.

## PALAVRAS-CHAVE

Identidade; Gênero; Educação; Transexualidade.

## ABSTRACT

This article comprises a qualitative bibliographic investigation aimed at deepening the understanding of gender experiences in formal educational environments, focusing specifically on the experiences of transgender individuals (transsexuals, transgender, and travestis) described in articles published in Scielo between 2015-2020. Its objective is not only to confirm the existence of transphobia in the educational journey of transgender individuals but also to deepen the understanding of psycho-social processes in their school trajectories, discuss socio-cultural aspects of access, as well as problematize strategies for the permanence of Trans individuals in formal education. Throughout this article, we address the intertwining of gender and education, the methodological and temporal cut as a moment of tension for the debate on gender and sexuality, understanding this period as a historical moment of the rise of an anti-gender agenda in Brazil. Subsequently, we discuss the multiple strategies that trans individuals adopt to be in these environments and present the bibliographic investigation. In conclusion, we discuss how curriculum and pedagogical strategies need to be named and classified, as well as problematize the construction of education.

## KEYWORDS

Identity; Gender; Education; Transgenderism

## RESUMEN

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Este artículo es una investigación bibliográfica cualitativa centrada en el análisis de experiencias de género en la educación formal, con especial atención a las vivencias de personas trans (transexuales, transgénero y travestis). Basándose en artículos publicados en SciELO entre 2015 y 2020, el objetivo es no solo confirmar la presencia de transfobia en sus trayectorias educativas, sino también comprender los procesos psico-sociales que afectan su vida escolar. Además, se debate sobre aspectos socioculturales del acceso a la educación y las estrategias de permanencia que las personas trans han desarrollado. El artículo examina la intersección entre género y educación en un momento histórico marcado por el auge de una agenda anti-género en Brasil. Finalmente, se discuten las necesidades de nombrar y clasificar los currículos y estrategias pedagógicas, problematizando su construcción y la forma en que abordan cuestiones de identidad y género.

## **PALABRAS CLAVE**

Identidad; Género; Educación; Transexualidad.

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

## Introdução

Este trabalho surge enquanto produto da minha monografia em Pedagogia e também de um incômodo muito próprio enquanto pessoa preta e LGBT de não se sentir representada na educação. Escrever academicamente sobre o tema foi uma das minhas formas de melhor elaborar como os meus marcadores sociais refletiram e refletem meus percursos de vida até aqui.

Esse artigo surge também da necessidade de investigar a intersecção entre educação e gênero, pois a considero urgente. Afinal, os campos de estudos de gênero sempre denunciaram que a educação é uma das instituições responsáveis por alimentar a ideia normativa do gênero, ao mesmo tempo que se nega a realizar o debate de gênero para os currículos e os planejamentos. Louro (1997), Dagmar Estermann Meyer (2013), York, Silva, Nolasco (2022), que são algumas das principais referências para pensar como a intersecção entre gênero e educação, já adotaram essa encruzilhada precisa ser olhada cuidadosamente.

Tendo como ponto de partida o arcabouço teórico e autoras supracitado, podemos afirmar que o gênero está em tudo, principalmente na escola e sua constituição. Em concordância com trabalho publicado por Joan Scott (1986), eu defendo que o gênero deva ser entendido como uma categoria analítica, considerando-o como uma construção social, cultural e historicamente contextualizada do indivíduo. Podemos então sócio-historicamente usar o gênero e suas dinâmicas para entender as relações sociais.

Scott ainda enfatiza que a análise de gênero permite compreender como as identidades e as relações de poder são moldadas, contestadas e transformadas em diferentes contextos históricos e culturais. Ou seja, a categoria analítica do gênero possibilita abordar de forma crítica as hierarquias sociais baseadas nas diferentes ideias que cada sociedade tem sobre o gênero, bem como, das estruturas que sustentam essas hierarquias. Uma dessas estruturas é a escola.

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Afirmações como essa, ressoam na obra “Gênero, sexualidade e educação” de 1997, Guacira Lopes Louro, que vai dizer que os sujeitos são fabricados socialmente, e que essas fábricas estão presentes em diferentes partes da sociedade, incluindo a escola. Para a autora, tudo na escola reforça a padronização do gênero, de seu material didático, as normas, currículos, livros, textos, teorias e linguagem. Essa fábrica cria a diferença binária, entre normal e anormal, identidade centro e excêntrica. Esse processo, vai criando a ideia de margem, de afastamentos e do “diferentes”. A ideia do diferente, reside no fato da existência de um lugar da identidade normal, que é cis, contrária a trans, e normativa, pois vai indicar uma norma a ser seguida - cis-normativa.

Como Louro (1997) explana, aquilo que se desvia da identidade que é tipicamente masculina, branca, cisgênera e heterossexual é considerado 'excêntrico' e é visto como fora dos limites da cultura normativa e de referência. Isso implica automaticamente estar alheio - ser colocado à margem - da construção de narrativas em várias esferas, como histórica, matemática, literária, artística, econômica e educacional. Ou seja, a produção do normal passa necessariamente pelos sistemas de ensino formais, onde tudo que não é cis-normativo é colocado a margem, como aquele que não cabe no sistema egemonico.

Ao assumir aqui uma postura deliberadamente queer, Louro (2004) York (2022), reconheço que a ideia fundante aqui é problematizar a posição de centralidade de identidades legitimadas supracitadas, tirá-lo do como sólido e permanente, assumindo ainda que se o corpo é metáfora para a identidade “Ser um/a homem/ mulher implica um trabalho permanente, uma vez que não existe uma essência interior que é posta a descoberta através dos atos” (Bento. 2017, p.41), em outras palavras, o que é tido como normal não existe como essência, mas sim em relação ao que é diferente. Louro (1997) adverte sobre a posição de centralidade:

A posição central é considerada não problemática; todas as posições de sujeito estão de algum modo ligadas - e subordinadas - a ela. Tudo ganha sentido no interior desta lógica que estabelece o centro e o excêntrico [...] o centro e suas margens. Ao conceito de centro vinculam-se, frequentemente, noções de universalidade, de unidade e de estabilidade. Os sujeitos e as práticas culturais que não ocupam este lugar recebem as marcas da particularidade, da diversidade e da instabilidade. (LOURO, 1997, p. 46)

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Pensar gênero, sexualidade e educação, como categorias analíticas, nos permite perceber como a escola, através de suas práticas, reforça o binarismo de gênero ao mesmo tempo que marginaliza e silencia as identidades e expressões que não se encaixam em categorias convencionais. Isso tem impactos significativos na autoestima e no bem-estar emocional de estudantes trans e até mesmo de estudantes cisgênero que não se encaixam em determinada forma do gênero imposto, “as confusões que uma criança faz ao misturar os dois mundos (o masculino e o feminino) são interpretadas pelo olhar atencioso das instituições. [...] Nessa hora, entra o controle produtor: ‘Isso não é coisa de menino/a!’.” (Bento, 2011, p. 552). É necessário investigar a educação, entendendo que espaço das instituições é espaço de disputa e construção política.

## Desenvolvimento

A estruturação metodológica desta pesquisa é qualitativa, mesmo que voltada para análise de dados e revisão bibliográfica, o faço enquanto estratégia para pensar e fazer levantamentos teóricos sobre corpos trans na educação. Defendo o caráter qualitativo ao levar em consideração “(...) significados, motivos, aspirações, crenças e valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a realização de variáveis.” (Maria Minayo, 2001 p, 22).

A escolha de uma abordagem qualitativa reflete mais uma vez minha identidade como pesquisador, um corpo dissidente, preto, não-binário e periférico (autor 1). É a reafirmação da transgressão queer à norma, ao me colocar como sujeito ativo, que reivindica voz, ao escrever em primeira pessoa, trazendo ainda a perspectiva em um contexto em que as vozes dissidentes muitas vezes são silenciadas. Assim, compreendendo a importância do ambiente social, histórico e cultural no qual a pesquisa está inserida e conseqüentemente, suas implicações éticas, contextualizadas e interdisciplinares para uma construção coletiva e crítica de conhecimento (Minayo, 2001).

A estruturação do texto constituiu análise qualitativa da literatura existente sobre o tema,

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

com um enfoque nas experiências e perspectivas de pessoas trans na educação formal. Utilizando-me da perspectiva qualitativa, lancei mão de uma revisão bibliográfica das publicações dessa área do conhecimento, presentes na plataforma SCIELO<sup>1</sup>. Para Antonio Carlos Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Tendo como meta o levantamento e investigação científica de obras já publicadas na plataforma, sobre a encruzilhada teórica de Gênero, Educação e Sexualidade a partir das instituições educacionais. A escolha da plataforma SCIELO como locus foi motivada pela sua importância como um dos maiores portais de publicação científica da América Latina. A análise bibliográfica que realizei está seguindo a revisão nas definições de Antonio Joaquim Severino (2007):

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (Severino, 2007, p. 122).

Alinhada com bell hooks (2017), posiciono a sala de aula, como ambiente de possibilidades, como espaço privilegiado de “trabalhar pela liberdade” (p. 273) e de se educar para a criticidade. Por isso, entender como as identidades entendidas como “dissidências de gênero” estão posicionadas nesse ambiente é fundamental, pois traduzem o lugar, e a definição, do gênero na sociedade. Dito isso, levantar questões pertinentes à presença de pessoas trans em espaços educacionais formais, que servem como base para novas propostas pedagógicas, críticas e com outros referenciais teóricos que não apenas cis-normativos.

Para tal empreendimento, usei 3 categorias de análise, Escola como produtora do Gênero; Pedagogias Emancipatórias de Gênero e Sexualidade; Estratégias para Permanência de Dissidentes e que tivessem sido publicados entre 2015 e 2020, elegendo “Gênero,

---

<sup>1</sup> Scientific Electronic Library Online (SciELO) é uma base de dados de referências para artigos publicados em mais de 1.000 periódicos de acesso aberto publicados em diversos países, como Brasil, Argentina e África do Sul, sendo esses majoritariamente na América Latina. Contando ainda com o apoio institucional de importantes instituições de fomento à pesquisa no país, CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e o CAPES - Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Sexualidade e Educação” para o buscador no índice de resumo Scielo. Essas categorias surgem como hipóteses norteadoras destes levantamentos, por estão alinhadas com o objetivo da pesquisa de compreender a relação entre gênero e trajetórias escolares de pessoas trans na educação formal.

A escolha desses artigos ocorreu também, por meio de critérios de inclusão específicos, considerando-se a diversidade de experiências e trajetórias dos autores, formação, raça/etnia, entre outros aspectos psicossociais relevantes para a pesquisa, como por exemplo a autoafirmação enquanto pessoa pertencente à comunidade LGBTQIAP+ e a presença transversal das palavras travesti ou transexual no texto.

Embora use um dado numérico, a “quantidade” de artigos publicados no período de 5 anos, insisto na reafirmação do caráter qualitativo da pesquisa uma vez que estou pensando pressupostos históricos, culturais, políticos e sociais a partir de uma análise de dados, onde a ausência epistemológica - seja como sujeito pesquisador ou como sujeito pesquisado - é também um dado.

Outro importante marco teórico-metodológico são os dados produzidos para o eBook “Vivências reais de crianças e adolescentes transgêneres dentro do sistema educacional brasileiro” (2021) e organizado por Thamirys Nunes, como possibilidade que não objetive estratificar a experiência, mas que faça uma análise possível dos dados encontrados de crianças e adolescentes trans na educação formal. Que vai investigar a vivência e propor políticas públicas de inclusão para esse público.

A escolha do recorte metodológico-temporal de 2015 - 2020, se deu pois, identifico que nesse período de tempo, as ideias sobre gênero e sexualidade estavam sendo fortemente debatidas no Brasil. Debate esse, que por sua vez ocorreu em caráter de disputadas, à medida que dois grupos ideológicos disputaram - e em certa medida ainda disputam- quais as ideias de gênero devem ou não, estar presente na escola.

De um lado temos os movimentos sociais, atuantes no que é entendido socialmente como políticas para os direitos humanos e para as identidade e do outro lados do debate temos as camadas tradicionalmente conservadoras, como igreja (católica e evangélica) sempre minando o debate de gênero, esse jogo é descrito em A narrativa da “ideologia de gênero”

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Impactos na educação brasileira e nas políticas de identidade de Jimena Furlani (2022), onde a autora, deixa claro que existe um desejo das camadas conservadoras de suplantar - e aqui adiciono, eliminar - o debate de gênero nas escolas, eliminando inclusive do Plano Nacional de Educação 2014, todas as menções ao termo.

Ainda sobre a relação de camadas conservadoras e o debate de gênero na escola, Rogério Junqueira (2017) vai delegar a autoria do termo “Ideologia de Gênero” à Igreja Católica. Junqueira apud Furlani vai dizer que “Faz todo sentido que a igreja Católica, então, busque “fazer da homossexualidade e da família homossexual o centro de sua antropologia e de sua doutrina” (Junqueira, 2017). Quando essa doutrina é aplicada na política e na educação, percebemos que indivíduos e suas subjetividades são coagidos a seguirem essas normativas e é nesse momento que surge o sofrimento psicológico, ao se deparar com a força coercitiva da cis-normatividade.

Podemos dizer então, que a deturpação aos Estudos de Gênero pelos movimentos conservadores, criaram a ideia de “Ideologia de Gênero” deturpando a historicidade de termos construídos pelos Estudos como, “identidade de gênero” e “orientação sexual” que são para a Furlani, “dimensões identitárias humanas existenciais e, portanto, um direito de expressão incontestável por aqueles que passam a defender os direitos humanos: ONU, União Europeia, governos e partidos de esquerda, movimentos sociais.” (Furlani, 2022, p. 348). Não ter essa dimensão básica de respeito e direito de expressão produz o sofrimento. Ao elencar “Gênero, Sexualidade e Educação” no buscador SciELO estou buscando entender como as pesquisas elencadas nesse sistema apontam, deflagram e definem a perspectiva de gênero que está sendo produzida no Brasil. Para pensar a pesquisa em educação como processo relativo a pessoas e estritamente qualitativo, faço uso do pensamento de Bernardete A. Gatti (2007, p. 12)

Porque pesquisar em educação significa trabalhar com algo relativo a seres humanos ou com eles mesmo, em seu próprio processo de vida. O conhecimento a ser gerado aqui, raramente - é bem ortodoxamente poderíamos afirmar nunca - pode ser obtido por uma pesquisa estritamente experimental onde todos os fatores da situação podem ser controlados.

Dito isso, podemos observar que os anos de 2015 e 2020, delimitam um espaço-tempo de mudanças estruturais no Brasil, que se intensificam por volta do impeachment da ex-

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

presidenta Dilma Rousseff e a ascensão de grupos de extrema-direita que levou a eleição do presidente Jair Bolsonaro. O texto de Amanto e Fuchs, “Discursos de ódio de gênero e subjetivação: articulações entre masculinismo e extrema direita” de 2022, nos fornecesse pistas importantes para entender como e porque esses debates se acirram nos anos anteriores e deságuam no governo bolsonarista, que fortemente usava do termo “ideologia de gênero”, para se opor a esquerda política do país, no texto podemos destacar o trecho:

“A ênfase na chamada ideologia de gênero, que coloca sob esse termo tudo aquilo que é contrário aos valores conservadores, cria a noção de um território que precisa ser combatido e/ou do qual se faz necessário expurgar certos elementos que não lhe são naturalmente pertencentes. Essa arma discursiva procura, portanto, estabelecer os limites dos corpos e dos modos de vida que podem ou não ter lugar na sociedade, determinando as fronteiras não apenas da inteligibilidade social, mas criando um campo do que deve ser moralmente desejável. O apelo à ideia de ideologia faz referência a algo eminentemente perigoso, que está sempre à espreita porém de forma dissimulada.” (Amanto, Fuchs. 2022, p. 88).

## **Quem, de fato, cabe na educação? um debate sobre estratégias políticas de permanência.**

Se podemos perceber que a educação formal é campo da disputa política do gênero, bem como, conceituar que esse campo se mostra coercitivo e cis-normatizador. É fundamental entendermos “gênero, sexualidade e educação”, dentro do contexto de ascensão da extrema direita brasileira entre 2015-2020. Nas páginas que se seguem, me debrucei em: trazer parte da narrativa das pessoas trans em múltiplas esferas da educação formal, o que encontrei no scielo e fundamentalmente quais estratégias esses corpos usam para se manterem em espaços que não são pensados para eles e elas. Afinal, se a escola é o primeiro campo de disputa político e ideológico que temos contato nas sociedades ocidentais, tudo que acontece na escola é fruto de uma disputa pautada pela política.

Silvana Vilodre Goellner (2013) pensa que o corpo é produzido historicamente, “só pode ser produto do nosso tempo, seja do que dele conhecemos, seja do que ainda está por vir” (Goellner, 2013, p. 41). Ou seja, os corpos aqui descritos estão inseridos nas dinâmicas sociais, políticas e econômicas de seu tempo. Quando pensamos no gênero ligado ao corpo podemos fazer alguns levantamentos sobre quais corpos estão presentes no espaço-tempo da educação, como por exemplo, da educação superior. Dados produzidos pelo grupo GEMAA<sup>2</sup> com base na

<sup>2</sup> GEMAA (Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa) é um núcleo de pesquisa com inscrição no CNPq e sede

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

análise dos dados da V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras, em pesquisa publicada em 2021, anuncia que pessoas trans eram menos de 0,3% do corpo de estudantes das Universidades Federais em 2018<sup>3</sup>. Porém, nenhuma universidade ofertava vagas específicas para esse grupo, o que passou a ser feito em 2019. Ou seja, o marcador da transexualidade parece ser determinante para a entrada e permanência dos indivíduos em múltiplos níveis da educação formal.

A pesquisa ainda aponta para outro dado importante, que é de que boa parte da população trans nas universidades é engajada em alguma forma de ativismo político, em dados do portal “2x mais que pessoas cis [...] a proporção chega a 45% entre pessoas trans. Entre homens trans a participação no movimento social alcança 50%”. (GEMMA, 2021). Por tanto, é seguro afirmar, que pessoas trans, embora sub representadas nos espaços formais de educação, aqui a educação superior, são expressivamente preocupadas/os com as suas realidades educacionais, o que inclui a permanência.

O panorama apresentado é valioso para entendermos que, embora não apresentem números expressivos de entrada da universidade, indivíduos trans estão ativamente engajados na luta estudantil pela sua permanência nas universidades e espaços de ensino. Segundo o boletim do ANTRA<sup>4</sup>, na área da educação, 70% da comunidade transgênero não concluiu o ensino médio e apenas 0,02% encontram-se no ensino superior. Os dados mostram que a cada 48 horas uma pessoa transgênero é barbaramente assassinada no Brasil, de acordo com o Dossiê Assassinatos e Violências contra Travestis e Transsexuais Brasileiras em 2022, publicado em janeiro de 2023.

Enquanto isso, o Brasil é ainda o país que mais consome pornografia trans no mundo, onde a expectativa de vida é ainda de 35 anos, contra 85 da população em geral. É relevante

---

no IESP-UERJ.

<sup>3</sup> Dados disponíveis em:

<https://gema.iesp.uerj.br/infografico/pessoas-trans-nas-universidades-federais-do-brasil/> > Acesso em: 01 de junho de 2025.

<sup>4</sup> Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA)

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

para essa pesquisa também apontar e traçar paralelos, um dos possíveis, é que mesmo com uma necropolítica atuando sobre seus corpos, pessoas trans estão no front de uma disputa política pelos direitos LGBTQIAP+, algo que já está implícito na sua inclinação a movimentos estudantis.

Ainda sobre o tópico de pessoas trans nas universidades, em matéria concedida à Folha de São Paulo, intitulada “Universitários trans são mais negros, mais pobres e mais engajados, mostra pesquisa”<sup>5</sup> podemos ver como corpos trans são atravessados pelo sistema educacional, como por exemplo a inexistência de dados mais abrangentes da população transexual no Brasil. Poema Portela, pesquisadora do GEMAA, doutoranda em sociologia e uma das entrevistadas afirma que:

O que a gente pode inferir, considerando um quadro amplo de vulnerabilidade de pessoas trans, é que é um perfil de pessoas que sofrem diversas vulnerabilidades, que muitas vezes acaba evadindo o ensino básico, então entrar na universidade é um passo muito difícil. (Portela apud Angela Boldrini, 17 de fev. de 2021)

Helena Vieira, escritora e transativista, para a mesma entrevista, vai fazer uma série de colocações muito importantes, dentre elas:

“Uma das principais causas de evasão é a dificuldade de permanência, seja por violências sofridas ou por dificuldade de se manter [...] É muito importante “É muito importante não só o auxílio socioeconômico, mas a abertura de vagas de trabalho para pessoas trans nas próprias universidades, porque a ausência de emprego faz com que a pessoa tenha que se prostituir ou assumir outro trabalho e não termine o estudo” (Vieira apud Angela Boldrini, 17 de fev. de 2021)

Através das falas, podemos afirmar que o marcador de gênero é fundamental para a experiência educacional na educação formal. Sendo o ativismo, a presença de pessoas trans em movimentos estudantis uma pedagogia emancipatória de permanência, que deflagra outras possibilidades de existência que não só a cis-normativa.

Para pensar pedagogias emancipatória e estratégias para permanência de pessoas LGBTQIAP+ - com foco em pessoas trans - é possível recorrer a Maria Clara Passos,

---

<sup>5</sup> Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/02/universitarios-trans-sao-mais-negros-mais-pobres-e-mais-engajados-mostra-pesquisa.shtml>. > Acesso em: 10 de novembro de 2023.

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

transfeminista e pedagoga, que em seu livro *Pedagogia das Travestilidades*, vai elencar como pessoas dissidentes de gênero, as travestis, estabelecem estratégias de permanências em múltiplos espaços, e que embora sejam vistas como vulneráveis, correntes e vítimas, não estão destituídas de capacidade crítico reflexiva, estabelecendo práxis político-pedagógicas que vão deslocar e questionar o lugar da “normatividade”.

Colocando em xeque a estabilidade das identidades e dicas corretas - como já conceituado na primeira parte - ao reivindicar para si o espaço de elaboração pedagógica em múltiplas instâncias. Constituindo assim, outras formas de estar e enxergar o mundo, Sara York, mestra em educação pela UERJ, para a mesma entrevista supracitada da Folha vai afirmar que:

“Eu sou uma travesti da educação. Então, na minha sala de aula, como alguém que não é para rir e nem dá pena, eu torno mais complexas as relações. Amplio como alunos e alunas podem ver a si mesmos dentro do campo do gênero e da sexualidade, porque eles veem que sou uma pessoa normal.” (York apud Angela Boldrini, 17 de fev. de 2021)

## Na plataforma Scielo

Para entender como os universos que trabalho estiveram refletidos contemporaneamente nas pesquisas dentro do recorte temporal na Scielo, usei como base os pressupostos de Friedlander e Arbués-Moreira (2007), que conceituam a “operacionalização dessa atividade, comum a todos os profissionais de nível superior, particularmente, pesquisadores” (p. 574). Seguindo as definições de Friedlander e Arbués-Moreira, aspectos como o Tema, Autores, Resumo, Palavras Chaves ou descritores serão incluídos na escolha dos artigos. As palavras gênero, educação e sexualidade devem aparecer no resumo dos artigos encontrados, foram categorizados e analisados.

Os dados para análise específica para a revisão bibliográfica de produções sobre o tema no SciELO foram selecionados dentro da área temática Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes, classificados em 3 categorias: “Escola como produtora de Gênero”; “Pedagogias Emancipatórias de Gênero e Sexualidade”; “Estratégias para

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Permanência de Dissidentes”<sup>6</sup> e que tivessem sido publicados entre 2015 e 2020, elegendo 3 palavras para o buscador no índice de resumo SciELO “Gênero, Sexualidade e Educação” e que estejam escritos em português. Nos quais foram encontrados 35 artigos, dos quais, a partir dos dados obtidos e com a elaboração das escolhas metodológicas, elaborei a tabela abaixo que está disposta por ordem cronológica, assinalando quais textos abordam ou não a transgeneridade de forma transversal. Embora ainda estejam dentro do tema buscado na plataforma, a análise desses artigos marcados com “não” será mais breve.<sup>7</sup>

**Tabela 1** – articulação entre os 23 artigos nos 3 eixos temáticos

Nº	Título	Aborda a transgeneridade
1	Educação básica e o acesso de transexuais e travestis à educação superior.	Sim
2	Quando o currículo se torna passarela para a diferença.	Sim
3	Apresentação - Educação, democracia e diferença: torções imaginativas de gênero, sexualidade e raça.	Sim
4	A FORMAÇÃO DE FUTUR@S PROFESSOR@S DE EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE.	Não
5	Livro didático como artefato cultural: possibilidades e limites para as abordagens das relações de gênero e sexualidade no Ensino de Ciências.	Não

<sup>6</sup> As categorias de análise surgem como hipóteses norteadoras destes levantamentos, por serem alinhadas com os objetivos da pesquisa de entender quais as produções do arcabouço teórico das relações de gênero vêm sendo interpretado dentro da educação, bem como, quais sujeitos marcados pelo gênero estão (ou não) incluídos nessa construção.

<sup>7</sup> Neste artigo “menção nominal” é entendida como toda menção específica a transgeneridade (travestilidade, não binarismo, etc); palavras como LGBTQIAP+, embora englobam pessoas Trans, em sua lógica, não dão enfoque específico a esse público.

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

6	“Em defesa das crianças e da família”: Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade	Sim
7	Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios	Sim
8	Construções de Sentido sobre a Diversidade Sexual: Outro Olhar para a Educação Infantil	Não
9	Precárias experiências em dissidências: crianças que não cabem em si	Não
10	Educação e gênero: histórias de estudantes do curso Gênero e Diversidade na Escola	Não
11	Não é competência do professor ser sexólogo	Sim
12	A lesbianidade como arte da produção de si e suas interfaces no currículo	Sim
13	Corpo, gênero e imagem: desafios e possibilidades aos estudos feministas em educação	Não
14	Governamento e pânico moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios	Sim
15	Educação Infantil: um balanço a partir do campo das diferenças.	Não
16	Sobre a legitimação do campo do gênero na ANPEd*	Não
17	No balanço da “teoria queer” em educação: silêncios, tensões e desafios.	Não
18	Políticas públicas relacionadas à diversidade sexual na escola.	Não
19	A educação em sexualidade na escola itinerante do MST: percepções dos(as) educandos(as).	Não
20	Estranhos... Abjetos... Cobiçados... Construídos: corpos, desejos e educação.	Não
21	Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas nas práticas pedagógicas da educação física escolar.	Sim

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

22	DOCÊNCIA E CONCEPÇÕES DE SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA.	Não
23	O sujeito homossexual como tema de aula: limites e oportunidades didáticas	Não

Fonte: Autor (2023)

Refletindo acerca dos artigos encontrados é possível dizer que os artigos em sua maioria deflagram a posição de trânsito das identidades, a ascensão da extrema-direita e como isso impactou os debates de gênero nesse momento. É possível dizer ainda que a postura de gênero adotada é majoritariamente queer e pós moderna. A escolha de apontar as identidades transgêneras nestes estritos pode ser também percebida em Bento (2017). Que também elege a experiência transexual como multiplicadamente única na cultura, uma vez que essas identidades experimentam processos únicos no campo da educação

Após a análise é possível fazer algumas inferências, a primeira delas é de que os textos, os abordam de alguma forma a questão transexual, estão em um leque amplo de perspectivas, pois, cada pesquisador investigado dentro dos recortes metodológicos têm características muito próprias para interpretar “gênero, sexualidade e educação”, mas mesmo assim, fica claro que no período do recorte metodológico, o currículo foi foco principal da investigação desses estudos.

Em segundo, que a perspectiva política de emancipação dos corpos através da pedagogia emancipatória das identidades, se faz presente, ao reconhecer a escola como produtora e reprodutora de gênero, reconhecendo também a necessidade de um “fazer pedagógico diferente” para pensar gênero no chão da escola.

E por último a pulsante necessidade da construção política e social de um currículo que pense gênero de forma mais abrangente e respeitosa, entendendo que esse é um dispositivo de poder, marcado por disputas políticas e culturais e que representa um recorte da comunidade e época em que está inserido.

Ao analisar os textos que não trazem menções nominiais às questões da transgeneridade, podemos ainda ter insights valiosos sobre como a encruzilhada teórica de gênero, sexualidade e escolaridade vem se desenhando no Brasil. Todos os textos, mesmo de formas diferentes,

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

principalmente ao mencionarem a comunidade LGBTQIAP+, principalmente os homossexuais, advertem sobre como a escola é um dos pilares da construção das normativas sociais gênero, como instância fundamental da formação de corpos sexuados de corpos-homens e corpos-mulheres Bento (2017).

## Considerações Finais

Acreditamos fortemente, que advogar por uma pedagogia da pergunta é colocar pro mundo um anseio de resposta. Talvez não pela resposta em si, mas pelas possíveis reflexões que podemos ter ao nos questionarmos sobre as multiplicidades de realidade à nossa volta. Ao questionar “Quem cabe na educação?” e ao afirmar que queremos refletir sobre dissidências de gênero, fica implícito que o gênero é um marcador muito relevante para pensarmos a escolaridade. Como consta desde o resumo, não queremos apenas apontar a transfobia, mas buscamos muito mais entender que aspectos da vivência trans se instalam como potências para que possamos revitalizar o sistema educacional - da educação básica à superior.

As 3 categorias de análise levantadas por mim enquanto norteadoras da pesquisas surgem transversalmente pois tem interlocuções entre si. Se *Escola* está posta socialmente como uma das *produtoras do Gênero* e esse gênero é normativo, normativizante e cis-hetero norteado *Pedagogias Emancipatórias de Gênero e Sexualidade* são necessárias, não apenas para pessoas que estão localizadas a margem, mas para que enquanto sociedade reflitamos o lugar que cada corpo tem ocupado, e os possíveis lugares onde diferentes corpos cabem. Para que pensemos *ainda em Estratégias para Permanência, de Dissidentes*, para que ainda problematizamos a ideia e a necessidade de se existirem dissidentes.

Ao iniciar o texto apresentando alguns marcadores sociais próprios, assumo também uma postura queer. Na tentativa de assumir uma práxis curricular queer, pois entendemos que o currículo não é neutro em nenhum aspecto, podemos construir pontes teóricas com os estudos de gênero e a área de currículo. A construção crítica do currículo é fundamental se queremos construir uma sociedade mais igualitária. Sociedade esta, na qual as posições entendidas enquanto dissidência poderiam EXISTIR, em um lugar de qualidade e plenitude. Uma das

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

possibilidades para alcançar este objetivo passa pela teoria *queer*.

O termo *queer* aqui empregado, segue a prerrogativa de York e Nolasco, no texto *Escola para todas, todes, todxs e todos: uma conversa preliminar sobre gênero e sexualidades* (2022), que ao apresentar a sigla LGBTQIAP+, define *queer* enquanto:

[...] significa estranho em língua inglesa, como possível identidade que emerge no Brasil a partir dos anos 2015 com a popularização do termo em séries e desenhos animados. O *QUEER*, outrora pós-identitário, isto é, que não mais pertence a instância do descritível e do capturável, no Brasil, se torna identidade de alguns grupo mais jovens, a geração Y, que se adornam neste e deste significado. O uso do termo enquanto identidade é complexo. Se por um lado, torna-se apreensível, questão sine qua non para sua não existência ou uso, por outro, aloca uma letra ao combo rizomático das muitas identidades. (York; Nolasco, 2022, p.24)

Ainda à luz da produção textual de York e Nolasco (2022) é importante, mais uma vez, recorrer a Guacira Lopes Louro, que inaugura o debate da teoria *queer* no Brasil. Para a autora, a abordagem *queer* questiona as normas sociais e culturais relacionadas à identidade, gênero e sexualidade na educação. Desafiando ainda concepções tradicionais e fixas de identidades sexuais e de gênero, buscando desconstruir as categorias binárias e normativas, como masculino/feminino, heterossexual/homossexual e problematizar a relação entre sexo, gênero, sexualidade e expressão de gênero (Louro, 2018).

No mais, é fundamental concluir que se queremos educar para a diversidade, e se queremos construir uma educação possível, para que caibam nela a multiplicidade dos corpos, uma possibilidade de futuros mais justos e equilibrados. Obviamente um texto não dá conta da multiplicidade de temas que tocam gênero, sexualidade e educação, o caminho que escolho para pensar o tema vai muito mais no sentido de iniciar um diálogo sobre o tema, do que fornecer respostas prontas e formuladas. Por fim, advogam que o currículo e a educação possam ser *queer*, que possa ser tão fluido, instável e dinâmico tanto quanto a multiplicidade de experiências de gênero.

## Referências

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

AMANTO, Bruna. Fuchs, Jéssica Janine Bernhardt. Discursos de ódio de gênero e subjetivação: articulações entre masculinismo e extrema-direita. IN: Violência e Gênero: análises, perspectivas e desafios - Vol. 1. 2022.

BENTO, Berenice. A Reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

FRIEDLANDER, M. R., & Arbués-Moreira, M. T. (2007). Análise de um trabalho científico: um exercício. *Revista Brasileira De Enfermagem*, 60(5), 573–578. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672007000500017>. Acesso: 10/11/2023.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. IN: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 67 a 82.

\_, Jimena. A narrativa da “ideologia de gênero” Impactos na educação brasileira e nas políticas de identidade. IN: SEFFNER, Fernando; FELIPE, Jane. *Educação, gênero e sexualidade: (Im) pertinências*. Editora Vozes, 2022, p. 335 - 361.

GATTI, Bernardete Angelina. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Liber Livro Editora. 2007

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar Estermann. *Gênero e educação: teoria e política*. IN: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 11 a 30.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NUNES, Thamirys (org.). *Vivências reais de crianças e adolescentes transgêneros dentro do sistema educacional brasileiro*. Coordenação Nacional da Área de Proteção e Acolhimento a Crianças, Adolescentes e Famílias LGBTI+ e o Grupo Dignidade(2021)

PASSOS, Maria Clara Araújo dos. *Pedagogia das Travestilidades*. 2. e.d. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2023

# Quem cabe na educação? Uma conversa na encruzilhada entre dissidências de gênero e trajetórias escolares.

JUPITER LOPES LIMA & ANDERSON GUIMARÃES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 23º Ed. São Paulo: Cortez, 2007

YORK, Sara Wagner. NOLASCO, Leonardo. Escola para todas, todes, todxs e todos: uma conversa preliminar sobre gêneros e sexualidades. IN: YORK, Sara Wagner. SILVA, Sérgio Luiz Batista da Silva. NOLASCO, Leonardo. (org) Gênero e sexualidade na educação: uma perspectiva interseccional. BA: DEVIRES, 1.e.d. .2022. p. 15-27

YORK, Sara Wagner. SILVA, Sérgio Luiz Batista da Silva. NOLASCO, Leonardo. (org) Gênero e sexualidade na educação: uma perspectiva interseccional. BA: DEVIRES, 1.e.d. .2023. p. 15-27.

YORK, Sara Wagner. TIA, VOCÊ É HOMEM? Trans da/na educação: Des(a)fiando e ocupando os "cistemas" de Pós-Graduação. 2020. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

**Original recebido em: 05 de novembro de 2025**

**Aceito para publicação em: 16 de dezembro de 2025**